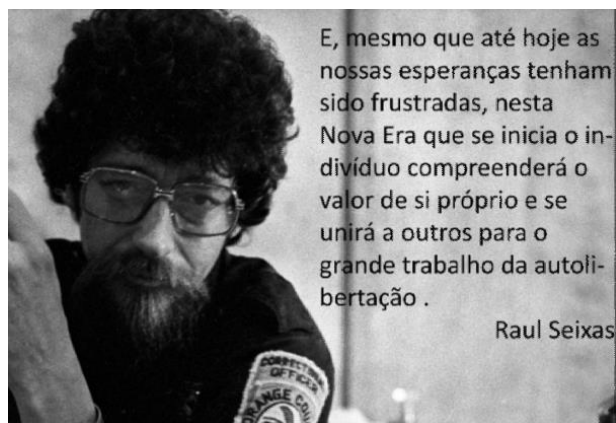


DO INCONFORMISMO À REVOLUÇÃO: O MOVIMENTO DE CONTRACULTURA NO BRASIL ATRAVÉS DAS CANÇÕES DE RAUL SEIXAS¹

Vinicius de Souza Carvalho²



(SANTOS, Vitor Ceí, “Novo Aeon: Raul Seixas no torvelinho de seu tempo” 2010.)

RESUMO

Este artigo tem como objetivo elucidar o movimento de contracultura no Brasil (1960 a 1985), bem como suas causas, meios e possíveis efeitos, através da obra do artista brasileiro, muitas vezes consagrado como pai do rock nacional, Raul Seixas.

Palavras-chave: Contracultura - Brasil. Música - Aspectos sociais - Brasil. Música popular - Brasil. Seixas, Raul, 1945-1989 - Crítica e interpretação.

ABSTRACT

This article aims to elucidate the counterculture movement in Brazil. (1960 to 1985), as well as their causes, means and possible effects, through Brazilian artist, often consecrated as the father of national rock, Raul Seixas.

Keywords: Counterculture - Brazil. Music - Social aspects - Brazil. Popular music - Brazil. Seixas, Raul, 1945-1989 - Criticism and interpretation.

¹ Trabalho de conclusão de curso, apresentado ao curso de Bacharelado em Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), Campus dos Malês, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Josyane Malta Nascimento.

² Bacharelado em Humanidades pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB.

1 INTRODUÇÃO

Contracultura, o termo surgido no meio jornalístico norte americano, que vem nomear o conjunto de manifestações ocorridas a partir da segunda metade dos anos sessenta, em sua maioria por *baetniks*, que, de acordo Saggiorato (2012), contava com a participação de jovens intelectuais que contestavam o otimismo pós-guerra, a cultura do consumo, se identificavam com a filosofia e o modo de ser orientais, pela busca por liberdade. A ideia de mochila nas costas e “pé no mundo”, o sair sem destino em busca de novas epistemologias, novas formas de ver o mundo. A ideia de uniforme, já não era mais bem visto, como nunca foram porém dessa vez já não era aceito, iniciando-se o que poderia ser chamado de estado de desobediência.

Assim, os anos 60 ficariam marcados na história como a década das revoluções juvenis. “O termo “revolução”, entretanto, costuma ser utilizado para designar certas transformações que se processaram sob o influxo da cultura: “revolução sexual”, “revolução cultural”, etc. O conceito reporta-se, com esse sentido, ao universo das mentalidades, cuja transformações foram inspiradas pelo movimento.” (CAPELLARI, 2007, p. 6).

Apesar de nomeado no EUA, esse movimento opera em todo mundo ocidental, na Europa por exemplo tem-se como marco o maio de 68, quando o movimento estudantil ganha força e organização na figura de Alexander Dubcek, “que levanta barricadas na universidade de Paris” (CAPELLARI, 2007, p. 4). Já no Brasil a coisa muda um pouco de figura já que a partir de 1964 o país encontra-se sob a censura do regime militar, o que, segundo Saggiorato: “afetou em grande escala a esfera cultural durante todo o regime, reprimindo e censurando o trabalho de artistas da chamada música popular brasileira (MPB), música brega e também dos músicos de rock daquele período.” (SAGGIORATO, 2012, p. 264). Por outro lado, fora personificado como em um inimigo em comum, não se tinha mais a “repressão sexual” e ou a “cultural” etc. de maneira isolada, era o regime vigente fonte de todas as repressões, o que fizeram desta vez jovens, “motivados pelo descontentamento político” (SAGGIORATO, 2012, p. 264)

O que dá início a contracultura, é esse espírito de contestação, o não aceitar tudo como é posto, e lógico não nasce com Raul, mas também se faz presente nele como

em muitos jovens. “Era uma coisa principalmente de Paris e da Itália, mas tinha na Europa toda, menos nos países socialistas. Chegamos em Roma, e na Pizza di Spagna tem aquela escadaria, que estava toda tomada por esses jovens sentados nos degraus. Eram os hippies” [...] (DINIZ, apud DIAS, 2003, p. 79). Essa rebeldia não apareceria do nada, mas sim de vários movimentos de contestação desde a década de 1950 com a “criação” do rock, e até antes disso, vários eventos na história, que surgem de forma a contestar e até modificar o predominantemente modo de vida, ou seja, a cultura de massa.

De um lado, o termo contracultura pode se referir ao conjunto de movimentos de rebelião da juventude [...] que marcaram os anos 60: o movimento hippie, a música rock, uma certa movimentação nas universidades, viagens de mochila, drogas, orientalismo e assim por diante. [...] Trata-se, então, de um fenômeno datado e situado historicamente. [...] De outro lado, o mesmo termo pode também se referir a alguma coisa mais geral, mais abstrata, um certo espírito, um certo modo de contestação, de enfrentamento diante da ordem vigente, de caráter profundamente radical e bastante estranho às formas mais tradicionais de oposição a esta mesma ordem dominante. [...] Uma contracultura, entendida assim, reaparece de tempos em tempos (PEREIRA, apud CAPELLARI, 2007, p. 5)

Nascido em 1945 em Salvador- BA, Raul Seixas está longe de ser apenas um rock star para além disso produtor musical, multi-instrumentista, estudioso e pensador acima de tudo. Inicia sua carreira em 1968 com o lançamento de seu LP com a banda “os panteras” (Raulzito e os Panteras 1968) com versões de algumas canções do grupo The Beatles, que não obteve muito sucesso, assim como “Sociedade da grã-ordem Kavernista apresenta sessão das 10” (1972) “no Brasil o desenvolvimento dessa contracultura é bastante presente na formação de diversas bandas que, influenciadas por grupos americanos e ingleses, sobreviviam num cenário social e político adverso”(Saggiorato, 2012, p. 296). Só em 1973, com o primeiro LP solo, *Krig-ha, Bandolo!*, é que Raul começou a fazer sucesso, já com músicas escritas em parceria com o escritor Paulo Coelho (CARVALHO, 2012, p. 3.), em comparação aos seus dois últimos trabalhos. Esse conta com 12 faixas sendo a última uma vinheta onde o faz uma breve apresentação em forma de poema:

Tá gravando aí meu nêgo, já? Tá, legal meu nome é Raul Santos Seixas,
Eu sou baiano de quem quem nhem
Oito horas de mula doze de trem
Mas, que o mel é doce, é coisa de que me nego a afirmar
Mas que parece doce, eu afirmo plenamente;
É, parece que é isso.

Deus é o que me falta para compreender o que não compreendo
 Eu disse, deus é o que lhe falta para compreender o que não compreendo
 Deus é o que me falta para compreender o que eu não compreendo.
 (SEIXAS, 1973.)

A partir daí o autor, em conjunto com o supracitado Paulo Coelho, vem assumir esse papel de revolucionário e de crítico ao sistema, neste mesmo LP. Na quinta faixa do lado B, lança “Ouro de tolo”, canção que dá vida a toda insatisfação, e ao mesmo tempo faz uma crítica a “uma juventude sadia, alegre, satisfeita. Feliz e contente comendo alpiste” (PASSOS, apud, DIAS, 2003.)

2 OURO DE TOLO (1973)

Raul Seixas, já demonstrava seu descontentamento com a realidade da sua época e explicava muito bem isso através de suas canções, como “Ouro de tolo”, penúltima faixa do lado B do álbum “Krig-Há, Bandolo!”. Essa expressão que nomeia o disco faz uma alusão ao personagem Tarzan dos quadrinhos da Ebal e seria uma forma de alerta para os outros animais, algo meio que “cuidado, aí vem o inimigo”. Em “Ouro de tolo”, o próprio título é bem emblemático, podendo significar uma busca por bens materiais, como na corrida do ouro nos Estados Unidos da América onde muitos se sacrificavam ao máximo na procura do metal precioso, mas muitas vezes o que encontravam era pirita, muito parecida com o ouro, mas sem nenhum valor comercial. Isso já nos dá uma ideia da crítica de Raul explicitada tantas vezes. “Ouro de Tolo” já se inicia com o descontentamento do artista.

Eu deveria estar contente
 Porque eu tenho um emprego
 Sou dito cidadão respeitável
 E ganho quatro mil cruzeiros
 Por mês. (SEIXAS, 1973.)

Nessa primeira estrofe, como em todo corpo da canção, em tom de balada romântica, Raul mostra sua insatisfação com o ideário do que seria um homem bem-sucedido ou como ele mesmo fala “Um cidadão respeitável”, esse que seria o ideário de uma classe média com seus empregos, estabilidade financeira bem como social, como mais à frente relata “ está contribuindo com sua parte para nosso belo quadro social”, porém reconhece sua difícil ascensão por conta do período em que o Brasil está

emergido com toda a repressão da ditadura militar. Na segunda estrofe ele começa a mostrar que faz parte de uma minoria e que com sua arte conseguiu crescer:

Eu devia agradecer ao Senhor
 Por ter tido sucesso na vida
 Como artista eu devia estar feliz
 Porque consegui comprar um corcel 73 (SEIXAS, 1973.)

Mais uma vez ele traz que mesmo fazendo parte de uma cultura de consumo na qual consegue o mínimo conforto que o dinheiro pode pagar, ainda assim fica insatisfeito, com “a liberdade vigiada, a proibição de frequentar determinados lugares” (Saggiorato, 2012, p.294) e etc. Na terceira estrofe ele nos mostra os contrastes dessa “ascensão”, já que antes disso, sai de Salvador para o Rio de Janeiro onde, segundo ele, chegou a passar fome e morar na rua,

Eu devia estar alegre
 E satisfeito
 Por morar em Ipanema
 Depois de ter passado fome
 Por dois anos
 Aqui na cidade maravilhosa (SEIXAS, 1973.)

Cidade Maravilhosa como é chamada a capital fluminense, segunda capital nacional que exhibe um dos maiores contrastes sociais do Brasil, com exuberantes praias consideradas cartões postais do país, assim como Ipanema e Copacabana, praias da zona sul da cidade, local de referência para lazer da burguesia, que ironicamente fica nas proximidades da comunidade do Canta Galo que em conjunto com Pavão Pavãozinho forma um dos maiores complexos periféricos do Rio de Janeiro, com uma população aproximada de 10.338 (IBGE, 2010). População essa de origem humilde e que a muito custo sobrevive entre os descasos do poder público e a marginalização de seus jovens.

Ah!
 Eu devia estar sorrindo
 E orgulhoso
 Por ter finalmente vencido na vida
 Mas eu acho isso uma grande piada
 E um tanto quanto perigosa. (SEIXAS, 1973.)

Já na quarta estrofe, além de explicar mais ainda sua insatisfação, ele vai mais longe dando um sentido, um motivo por sua insatisfação, logo o que seria vencer na vida,

Fazer parte de um círculo de consumo que além de ter condições para alimentar sua família ter o mínimo “lazer”, de cuidar da própria saúde de maneira limitada, ou seja, ser controlado de maneira indireta. Outro ídolo dessa vez da atualidade “Pity” cantora, compositora, roqueira também baiana. Com sua canção “admirável chip novo” (2007) faz o mesmo papel do Raul ao criticar sistema, entretanto, diferente de Raul, se insere nesse sistema de forma que se omite para sobreviver. “Pane no sistema, alguém me desconfigurou, aonde estão meus olhos de robô[...]”, “lá vem eles outra vez, eu sei o que vou fazer, reinstalar o sistema.”, mesmo assim é realizado um movimento, em que, se distancia e cria-se consciência de estar sendo controlado, podendo fazer a recusa do mesmo, o que Capellari vem a chamar de “drop out” que se traduz em saltar fora, o não atuar em prol de nenhuma política, que seria a mesma ideia do desbunde “os “desbundados” ficavam à margem das questões políticas. Enquanto os “porras-loucas” praticavam ações políticas, volta e meia mudavam de partido, os desbundados acabava rompendo com todos os vínculos políticos.” (SAGGIORATO, 2012, p. 297). Nesta parte da canção Raul também vem se colocar nesse papel de desbunde de quem se questiona o que lhes é colocado como objetivos.

Eu devia estar contente
 Por ter conseguido
 Tudo o que quis
 Mas confesso abestalhado
 Que eu estou decepcionado
 Porque foi tão fácil conseguir
 E agora eu me pergunto “e daí?”
 Eu tenho uma porção
 De coisas grandes para conquistar
 E eu não posso ficar aí parado. (SEIXAS, 1973.)

Neste momento de questionamento absoluto, a busca de seu lugar no que seria uma sociedade “civilizada”, Raul coloca-se no papel de transcender o ideário do que seria esse lugar, e, para isso utiliza de sua arte como algoz do sistema, “seu recado soou como uma bofetada na face de quem trocou a verdadeira realização pelo acesso às bugigangas do consumo [...], Raul foi um aliado importante dos jovens rebeldes e um crítico mordaz do sistema.” (DIAS, 2003, p. 70,71)

Eu devia estar feliz pelo Senhor
 Ter me concedido o domingo
 Pra ir com a família
 No Jardim Zoológico
 Dar pipoca aos macacos

Ah!
 Mas que sujeito chato sou eu
 Que não acha nada engraçado
 Macaco, praia, carro
 Jornal, tobogã
 Eu acho tudo isso um saco (SEIXAS, 1973.)

Na nona e décima estrofe Raul como excelente crítico político mostra o porquê da revolta contra um sistema que classifica e coloca cada um em um determinado patamar, e traz também, a fragilidade do ser humano perante a natureza, ideário que advém do orientalismo, de descentralizar o ser-humano e torna-lo parte da natureza. Logo após retoma o papel de criticar a agência do indivíduo perante a sociedade, e com muita sagacidade utiliza como exemplo justamente as funções atribuídas respectivamente a saúde, doutrina e segurança, ou seja, a manutenção do que se tem como “bem-estar”.

É você olhar no espelho
 Se sentir
 Um grandessíssimo idiota
 Saber que é humano
 Ridículo, limitado
 Que só usa dez por cento
 De sua cabeça animal
 E você ainda acredita
 Que é um doutor
 Padre ou policial
 Que está contribuindo
 Com sua parte
 Para o nosso belo
 Quadro social (SEIXAS, 1973.)

A este ponto, não cabe mais disfarçar essa recusa, chegando ao ponto de um enfrentamento direto, um desafio, este que aparentemente faz aos “robôs conformados” (DIAS, 2003 p.71) dizendo:

Eu é que não me sento
 No trono de um apartamento
 Com a boca escancarada
 Cheia de dentes
 Esperando a morte chegar. (SEIXAS, 1973.)

Ou seja, não aceitando isso que é posto de forma tão cruel, para tal oferece bom motivo, colocando que para além do que é dado como satisfatório, do ideário de pacíficas famílias de classe média, vivendo harmoniosamente separados por pequenas cercas embandeiradas, típicas famílias norte americanas, das quais vemos

até hoje nas telas de cinema. Mais à frente ele enxerga novas possibilidades, qual metaforiza na forma de um disco voado.

Porque longe das cercas
Embandeiradas
Que separam quintais
No cume calmo
Do meu olho que vê
Assenta a sombra sonora
De um disco voador (SEIXAS, 1973.)

3 “AL” CAPONE (1973)

Muitas das vezes Raul se utiliza de ícones históricos e até mesmo de sua “atualidade” para conversar em suas canções, em uma das suas composições Raul explicita sua insatisfação e traz personalidades históricas de subversão como “Al” Capone (Alphonse Gabriel Capone) também chamado de “Scarface”. O mafioso que mais lucrou com a Lei Seca nos E.U.A, graças a seu método, que de atribuir seus ganhos ilícitos, com os lícitos advindos de lavanderias e lava carros, ficando conhecido como “lavagem de dinheiro” termo utilizado até os dias de hoje, para a pratica de mascarar um enriquecimento ilícito (MAGALHÃES, 2014) Sendo em 1929 nomeado o homem mais importante do ano junto com outras personalidades, como o físico Albert Einstein e do líder pacifista Mahatma Gandhi

Ei! Al Capone
Vê se te emenda
Já sabem do teu furo, nego
No imposto de renda
Ei! Al Capone
Vê se te orienta
Assim desta maneira, nego
Chicago não aguenta[...] (SEIXAS, 1973.)

Raul fala do gênio do mafioso, sem escrúpulos e violento e a forma que o prenderam, que por sinal se mantem no imaginário popular que teria sido traído já que seu método não deixava quase que nenhuma brecha, porém não para aí sua cartilha historiográfica;

Ei! Júlio Cesar
Vê se não vai ao senado

Já sabem do teu plano
 Para controlar o Estado
 Ei! Lampião
 Dá no pé, desapareça
 Pois eles vão à feira
 Exibir tua cabeça[...] (SEIXAS, 1973.)
 (Refrão)

Caio Júlio César, líder militar e político romano (49 à 44 a.c.), responsável por uma transformação na política um verdadeiro marco de transformação e expansão romana, expandiu de tal forma seu poderio, que em meio de sua excursão chamou a atenção, do senado romano qual ordenou que o mesmo retirasse suas tropas, qual foi recusado em total desobediência ao governo, culminando em uma Guerra Civil da qual em 49.a.d. César assume o poder absoluto em Roma. Fazendo assim uma verdadeira reforma política centralizando o poder. Porém a ferida da Guerra Civil ainda estava aberta e a oposição política em Roma começou a conspirar para sua derrubada, levando assim ao seu assassinato em meados de 44 a.c. por um grupo de senadores liderados por Marco Jr. Bruto até então seu fiel general. (ANDRADE, 2019).

Virgulino Ferreira da Silva, entrou para o cangaço depois de seus pais serem brutalmente assassinados em disputas por terras, se tornando assim “Lampião” que logo tomou a liderança do grupo futuramente vindo a ser reconhecido por “Rei do Cangaço”, o bandido mais temido e admirado do sertão, em alguns casos ele e seu bando eram tidos como heróis pela população pobre do árido nordeste, na segunda metade da década de trinta, o governo Getúlio Vargas impõe uma verdadeira caçada ao grupo que acabaram por serem emboscados em 1938 em um dos locais considerado mais seguro por Lampião, provavelmente por fruto de traição (VELASCO, 2019).

Ei! Jimi Hendrix
 Abandona o palco agora
 Faça como fez Sinatra
 Compre um carro e vá embora
 Ei! Jesus Cristo
 O melhor que você faz
 Deixar o Pai de lado
 E foge pra morrer em paz[...] (SEIXAS, 1973.)

James Marshall Hendrix, consagrado guitarrista, tido ainda hoje como o melhor do mundo, músico, compositor e produtor musical ícone do jazz, blues e principalmente do rock in roll internacional.

Francis Albert Sinatra “Frank Sinatra” ícone do swing em Las Vegas, aposentou-se em 1971 voltando a ativa em 73 com apresentações no Caesars Place.

E por final um outro marco histórico que modificou toda uma era Jesus Cristo que como contam as escrituras Sagradas Cristãs, modificou o pensamento ortodoxo da sua época, é tido por alguns pensadores como subversivo e contestador das regras. Em um elo de ligação entre todas essas supracitadas personalidades há o fato de serem contestadores do status quo, em nutrirem uma antipatia as normas e regras de seus respectivos tempos, há também o fato de quase todos terem sidos supostamente “traídos” excerto “Al” Capone que faleceu decorrente a complicações em sua saúde.

Eu sou astrólogo!
 Eu sou astrólogo!
 Vocês precisam acreditar em mim
 Eu sou astrólogo!
 Eu sou astrólogo!
 E conheço História
 Do princípio ao fim! [...] (SEIXAS, 1973.)

Verdadeiras celebridades e como dito antes marcos históricos, obviamente, deixando um pouco de lado o juízo de moralidade e ética, todos tiveram em seu momento uma grande importância para a sociedade a ponto de alguma forma modifica-la, nem que seja em pequenas partes, como ao exemplo de despertarem a população para a crueldade e falta de empatia das “volantes” grupamentos militares da era Vargas, que expuseram as cabeças de Lampião e seu bando como verdadeiros troféus, fazendo que só tivessem direito a terem uma fúnebre cerimonia cerca de 30 anos depois, após muitos protestos dos familiares e pressão da igreja Católica. Ou então modificarem a forma de organização de quase todo grupo criminoso, e até mesmo todo um regimento civil ao menos para uma parcela da sociedade em que vivia sobre antigas leis. “Um certo modo de contestação, de enfrentamento diante da ordem vigente, de caráter profundamente radical e bastante estranho às formas mais tradicionais de oposição a esta mesma ordem dominante.” (PEREIRA, apud CAPELLARI, 2007, pg.05)

Mais uma vez Raul termina uma canção fazendo menção aos astros, dessa vez como um conhecedor e estudioso dos mesmos de uma forma não tão acadêmica, mas sim psicodélica, já que diferente dos astrônomos, astrólogos realizam adivinhações através do movimento dos astros no espaço/tempo. Uma dúvida resta em minha cabeça, será que ele falava só nesse sentido ou ele observava os “astros” humanos uma amostra dos desejos e expiações/ aspirações da humanidade já que tendemos, segundo Sigmund Freud, a admirar e a ter como belo aquilo com que parecemos ou queremos parecer, e ao observar aquilo que causa admiração nas pessoas.

Contudo ao observar todo seu protesto e descontentamento com a sociedade do seu tempo percebe-se que Raul, dá uma alternativa para a “melhoria” do indivíduo e um ano após essas duas canções ele lança em seu LP. Guita (1974) “Sociedade Alternativa”, motivo pelo qual foi convidado a ser retirado do país. Realizando um autoexílio nos Estados Unidos epicentro de toda revolução/reforma cultural, justamente onde se inicia e se tem maior liberdade para produzir o que podemos chamar de ferramenta da contracultura.

4 SOCIEDADE ALTERNATIVA (1974)

Mergulhando em uma onda exotérica, satanista e fora dos padrões do seu tempo, Raul Seixas em companhia de Paulo Coelho, lança durante um show uma canção que parece mais se tratar de um grito de guerra, seguido e entranhado de palavras de ordem.

Viva! Viva!
 Viva A Sociedade Alternativa
 (Viva! Viva!)
 Viva! Viva!
 Viva A Sociedade Alternativa
 (Viva O Novo Aeon!)
 Viva! Viva!
 Viva A Sociedade Alternativa
 (Viva! Viva! Viva!)
 Viva! Viva!
 Viva A Sociedade Alternativa...

Se eu quero e você quer
 Tomar banho de chapéu
 Ou esperar Papai Noel

Ou discutir Carlos Gardel
 Então vá!
 Faz o que tu queres
 Pois é tudo
 Da Lei! Da Lei!
 Viva! Viva!
 Viva A Sociedade Alternativa...

"-Faz o que tu queres
 Há de ser tudo da Lei"
 Viva! Viva!
 Viva A Sociedade Alternativa
 "-Todo homem, toda mulher
 É uma estrela"
 Viva! Viva!
 Viva A Sociedade Alternativa
 (Viva! Viva!)
 Viva! Viva!
 Viva A Sociedade Alternativa
 Han! ...

Mas se eu quero e você quer
 Tomar banho de chapéu
 Ou discutir Carlos Gardel
 Ou esperar Papai Noel
 Então vá!
 Faz o que tu queres
 Pois é tudo
 Da Lei! Da Lei!
 Viva! Viva!
 Viva A Sociedade Alternativa
 Viva! Viva!
 Viva A Sociedade Alternativa...

"-O número 666
 Chama-se Aleister Crowley"
 Viva! Viva!
 Viva! A Sociedade Alternativa
 "-Faz o que tu queres
 Há de ser tudo da lei"
 Viva! Viva!
 Viva! A Sociedade Alternativa
 "-A Lei de Thelema"
 Viva! Viva!
 Viva A Sociedade Alternativa
 "-A Lei do forte
 Essa é a nossa lei
 E a alegria do mundo"
 Viva! Viva!
 Viva A Sociedade Alternativa
 (Viva! Viva! Viva!). (SEIXAS, 1974.)

Como já antes dito, não só um grito de guerra, mas como um chamado para algo maior. Assim parece ser quando vemos algumas dicas destoantes da canção, o músico só falta parar o show para dizer unam-se contra o que está acontecendo, “todo

homem, toda mulher é uma estrela”, é centro de si mesmo, tem luz própria vive em constelações unidas, cravejam os céus, porém brilham por si só.

A ênfase no valor da individualidade, profundamente relacionada com o anarcoindividualismo de Max Stirner, foi uma reivindicação básica da sociedade alternativa. “A partir dela é que se formaram os mais diversos movimentos, e não como uma plataforma ideológica já preestabelecida diante da qual as pessoas teriam que simplesmente se calar.” (JUNIOR, 2008)

Carlos Gardel, tido como mais importante cantor e compositor de tango, ritmo argentino que como o nosso samba fala apaixonadamente da realidade dos subúrbios e periferias sempre em um discurso emocionado. Diria já Nelson Gonçalves: “Carlos Gardel, Buenos Aires cantava no teu conto, Buenos Aires chorava no teu pranto, e vibrava em tua voz [...]”. Discutir as palavras apaixonadas de um cantor pode até parecer tolice, assim como aguardar pela visita de uma figura fictícia (Papai Noel) criada para reverenciar a cultura do consumo, mas se assim desejar faça é seu direito, e isso se explicita com: “Então vá! Faz o que tu queres, pois é tudo, da Lei!!

A lei, lei de Thelema, criada por Alester Crowley (Edward Alexander Crowley) ocultista britânico, exoterista, bruxo dentre outras atribuições. Lei esta que vem trazer ideais de liberdade e é poetizada na canção de Raul, torna-se de fato um grito de guerra contra o sistema, já que se enquadrava “na psicodelia dos anos loucos” (DIAS, 2003, p.89) que saudava o que os astrólogos chamaram de a era de aquário, “o signo de Aquário reage circulação do sangue e tem sido relacionado com a associação de idéias. Tradicionalmente simboliza a dissolução das velhas formas[...]” (NICHOLS, apud DIAS, 2003 p. 90)

Essa lei libertária, podia se traduzir na filosofia de vida dos “hippies” jovens sucessores dos beatniks, porém mais extravagantes e ousados, “o cair na estrada hippie significava então muito mais uma fuga “de” do que “para”. Pra valer mesmo, tinha que ser sem mapa e, de preferência, de carona”. (DIAS, 2003, p. 64). Com total desapego aos bens de consumo, por outro lado a busca por novas experiências, aproximou esses jovens ao uso de drogas que ajudou, a criminalizar o hippie além de marginaliza-lo ainda mais, o que para alguns desses jovens não era de todo o mal, como diz Saggiorato:

Coloca-se à margem tornava-se também opção de alguns jovens para com os acontecimentos e marcavam o país e o mundo no período. Tornar-se livre e não atuante dos princípios sociais vigentes era uma espécie de resistência ao regime, bem como de fuga e também legitimação da própria cultura. (2012)

Raul traz como “solução social” esta filosofia ao menos nessa primeira etapa de sua carreira solo, o impacto de suas canções fora e é tão grande que ainda hoje se tem fãs suficientes para ensinar seus filhos a gostarem e se envolverem com as canções, mesmo hoje 30 anos após sua morte aos 44 anos, vítima de uma pancreatite aguda e fulminante, (após 2 episódios dos quais ficara em estado grave, e alguns meses em uma clínica de reabilitação). Após sua morte foi fundado um grupo do qual se denominam sociedade alternativa.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em suma, o movimento de contracultura pode ser dividido em três etapas, “A recusa, a busca por novas epistemologias, um novo modo de viver, brevemente resumidas nestas três canções. Em “ouro de tolo” Raul se introduz neste papel de questionar o *status quo*, já em “Al Capone” ele passa por ícones históricos, que por sua vez vinheram a modificar a cultura de massa vigente e deixar de algum modo, uma nova epistemologia para as futuras gerações. Em sociedade alternativa é colocado de fato um novo modo de viver, este que ainda que utópico se faz presente no ideário brasileiro até os dias de hoje, que “observa que existiram e existem tantas sociedades alternativas quanto “malucos-beleza” que as vivem e as projetam.” (JUNIOR, 2008).

A grande questão não é ‘como podemos conhecer’, mas ‘como podemos viver’. E, encontrado a resposta, devemos reconstituir nossa concepção mágica da qual derivam a criatividade e a comunidade humanas. De forma que ‘o primordial objetivo da nossa contracultura é proclamar um novo céu e uma nova terra, tão vasta, tão maravilhosa que as exigências da técnica tenham que se retirar para um status subordinado e marginal na vida dos homens. (WATTS, apud DIAS p. 64)

REFERÊNCIAS

SAGGIORATO, Alexandre: Rock brasileiro na década de 1970: Contracultura e filosofia *hippie*; **Historia: Debates e tendências-** v. 12 n. 2, jul./dez. 2012, p.293-302

ANDRADE, Ana Luiza Santiago de: Júlio Cesar- biografia do Imperador Romano, **Info Escola**, <<https://www.infoescola.com/historia/julio-cesar/>>. Acesso em: 22/8/2019

DIAS, Lucy. **Anos 70: Enquanto corria a barca**. Editora Senac São Paulo, 2003.

CAPELLARI, Marcos Alexandre. **O discurso da contracultura no Brasil: o underground através de Luiz Carlos Maciel** (Doutorado em História) - Universidade de São Paulo- São Paulo, 2007

CARVALHO, Paula. 23 anos sem Raul Seixas, 21 de agosto de 2012. <<http://www.estadao.com.br/noticias/artelazer.23-anos-sem-raul-seixas,919321,0:htm>>. Acesso em 22/8/2019

SEIXAS, Raul Santos. *Krig-ha, Bandolo!*, Philips, Rio de Janeiro 1973

SEIXAS, Raul Santos. *Gita*, Philips, Rio de Janeiro 1974.

VELASCO, Valquiria. **Lampião: Virgulino Ferreira da Silva**, biografia info-escola. 2014 <https://www.infoescola.com/biografias/lampiao/>. acesso em 22/8/2019

SANTOS, Vitor Cei. **Novo Aeon**: Raul Seixas no torvelinho de seu tempo. Editora: Mondongo, Rio de Janeiro, 2010.

MAGALHÃES, Vamir Costa. R. EMERJ, Rio de Janeiro, v. 17, n. 64, p. 164- 186, jan. - abr. 2014 <<https://core.ac.uk/download/pdf/79118291.pdf>>